

ANIVERSARIO DA REVOLUÇÃO HUNGARA

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Alguns jornais da semana deram realce à data em que transcorre o aniversário da tragédia húngara. E fizeram bem. É preciso lembrar e relembrar esses acontecimentos que marcam os ângulos da história e que contém lições definitivas. Os políticos profissionais, que põem a mão nas manivelas do mundo, que dirigem, que produzem os episódios, têm na imaginação seus principais recursos; nós outros, mais passageiros que condutores, temos nossa força cívica alimentada pela memória. Mais de dez vezes já escrevi, aqui ou alhures, que não pode haver sã democracia sem boa memória. Em páginas admiráveis, Chesterton traçou o paralelo entre os conceitos de democracia e tradição, que alguém de seu tempo tinha apresentado como contrários. Ora, quem diz tradição diz memória, e assim podemos usar todos os argumentos e paradoxos do inglês para arrimo de nossa tese. Não pode haver sã democracia sem boa memória, sem o registro dos fatos e sem o cuidado paciente de revê-lo de tempos em tempos.

Lembremos pois o que aconteceu na Hungria nesses últimos anos. Desde 1944, ainda em plena guerra, tinha nos tanques soviéticos atravessados os Carpatos e invadido a grande planície húngara. Em novembro de 44 entram os russos em Budapeste. O fim da guerra, que era libertação para os países ocupados pelos alemães, foi o início da escravização de outros países pela Rússia. Feitas as contas, a causa da liberdade não apresentou saldo apreciável quando os quatro Grandes se reuniram em Yalta. É verdade que na Hungria, no outono de 1945, houve eleições livres, realmente livres, apesar da vizinhança do monstro moscovita e da presença dos carros de assalto. Os russos não fizeram pressão, provavelmente imaginando que o povo húngaro estava unanimemente apaixonado pelos métodos soviéticos. O resultado foi derrota completa do Partido Comunista e a vitória dos Pequenos Agrários. A partir desse momento, o Partido Comunista, com apoio da União Soviética, manobrou até conseguir infiltração e domínio das posições-chaves. A ilusão de liberdade foi para os húngaros de curta duração. Em fins de 45 o Partido Comunista dominava a Polícia, prendia o deputado Bela Kovacs, obrigava-o, mediante torturas prolongadas, a confessar intenções e conspirações antisoviéticas, e dava ao mundo a cópia fotostática de sua confissão feita em letra apenas legível de tão trêmula. Em .. 1947 as eleições foram feitas com nova técnica e o partido comunista logrou vitória. Mais tarde, por volta de 49 ou 50, o estalinista Mathias Rakosi, secretário do Partido Comunista Hungaro, tornou-se ditador do país.

Começou então, em grau nunca antes experimentado, a exploração, a escravização, a desmoralização, o espezinhamento, a sucção da Hungria. Valores humanos e valores econômicos, brios e bens, patriotismo e trabalho operário — tudo foi sugado em proveito do monstro soviético. Além da brutal dívida de guerra arbitrária, inventada pela União Soviética, a Hungria teve de fornecer à mesma tudo o que produzia por preços também inventados pelos sicários de Moscou. Em 1953, com a volta do patriota Imre Nagy, os húngaros tiveram uma nova e novamente efêmera esperança. Imre Nagy é afastado, volta ao poder Rakasi, e assim chegamos ao ano de 56. A situação é tensa. Os ânimos estão eletrizados, e quando chegam notícias da insurreição de Poznan, os estudantes húngaros imaginaram que havia chegado o dia da libertação geral. Promovemos passeatas, reuniões, e de repente um tiro dá início à revolução. Começou a luta do povo contra o governo fantoche e contra as tropas soviéticas que o garantiam. Moças e moças deram a vida por esse movimento, por esse delírio de liberdade, e com surpresa para todo o mundo venceram as tropas soviéticas e o governo de Erno Gero, criatura de Rakasi, escravo de Staline. As fotografias desse mo-

vimento deviam ser postas em grandes murais pelo mundo livre, porque representam, sem dúvida alguma, a mais bela revolução que o mundo já viu nascer, e morrer. O povo húngaro quer ser livre, quer ser humano, quer ser húngaro. Quer em suma coisas mínimas, mas também coisas fundamentais, pelas quais vale a pena lutar e morrer. Tenho diante de mim algumas dessas fotografias e vejo os jovens entusiastas que lutaram contra os tanques russos, que derrubaram a odiosa estatua de Nabucodonosor soviético, e que, vitoriosos, enchem as ruas com sinais de júbilo. Ali está um estudante voltado para a objetiva e rindo. Parece-se com meu filho. Aliás, não sei porque, meu Deus, todos eles parecem-se com meu filho, ou é ilusão minha. Vejo também a moça de cabelos para trás e olhar reto. Será Llonna Toth, que será depois condenada à morte por um tribunal soviético?

Volta Imre Nagy, liberta-se o cardinal Mindszenty, e o povo húngaro goza alguns dias o direito de ser húngaro, a alegria de ser livre e o conforto de ser governador humanamente. Alguns dias apenas. A revolução começou em 23 de outubro; em 4 de novembro os soviéticos voltam a carga com enormes forças. Atacam a capital húngara com tanques, carros blindados médios e pesados, infantaria e aviação. Levanta-se de novo a heróica mocidade húngara, mas agora para perder a partida, para ser espezinhada, para ser depois arrastada aos tribunais como traidores da pátria! Os patriotas Nagy e Maleter são executados. O cardinal Mindszenty refugia-se na embaixada americana de Budapeste. Vitoriosos, os russos colocam em Budapeste um robot teleguiado fazendo as vezes de governo.

O mundo inteiro assistiu estarecido (foi o termo mais empregado em nosso noticiário) à inútil defesa de Budapeste contra a invasão soviética. Os países livres não se levantaram em defesa do fraco oprimido. Os Estados Unidos não enviaram seus aviões, seus soldados, suas bombas, como milhões de pessoas desejavam que fizesse. O monstro russo devorou sua presa tranquilamente, como anos antes a Alemanha de Hitler devorara a Tcheco-Eslováquia. A ONU fez um relatório, os jornais fizeram reportagens, os estudantes dos outros países fizeram passeatas em sinal de solidariedade. E' claro que tudo isto é melhor do que nada. Quem não pode eficazmente corrigir a injustiça mas pode gritar, deve usar esse pobre e meio ridículo recurso. E' melhor do que nada. Gritemos pois.

Foi há dois anos. Em outro ar-

tigo disse por engano que foi no ano passado a revolução húngara. Confundi as datas, porque o tempo deu para correr ultimamente em minha vida. Mas lembro-me dos detalhes de nossa modesta, de nossa ridícula participação na tragédia de Budapeste. Quem deu a idéia foi meu filho, por telefone: — Como é? não vamos fazer nada? Combinei encontro no Centro Dom Vital com outros moços do Centro, da Juc e de outras associações católicas. Eramos uns cinquenta e poucos. Pintamos uns cartazes às pressas e marcamos encontro em baixo do edifício da ASA, ali na rua São José. Cêrca de quatorze horas estávamos reunidos e prontos para sair pelas ruas, quando se deu um fato singular, um fato que trouxe de repente para nosso pequeno ridículo grupo uma nota que o ligava misteriosamente à sangrenta Budapeste: um dos moços que com mais entusiasmo se apresentava para sair pelas ruas gritando em sinal de protesto, moço de vinte e poucos anos, caiu como morto. Dividiu-se logo o grupo que já era pequeno. Enquanto o Gladstone comandava o pelotão da caridade, que procurava padre e médico para o jovem desfalecido, nós outros tomávamos o bastão da justiça vociferante e ridícula. Foi talvez, depois dos vinte anos, a única vez que sai pelas ruas gritando vivas e morras, mas até hoje creio que foi a coisa melhor que fiz na vida. As pessoas que passavam nos bondes riam-se de nós, e houve um indivíduo, verde e magro, que berrou do estribo: Palhaços!! percorremos as redações dos jornais. A noite fomos à sede da UNE, a convite da presidência dessa entidade, para lavar nosso protesto no auditório, mas tivemos o dis-sabor de saber que tinham programado, na mesma hora, uma manifestação em favor do Egito, ou melhor, em favor do sr. Nasser com a presença da embaixada do Egito. Foi uma seção tumultuosa e desagradável. Quando vi chegaram os oradores oficiais da causa egípcia, os rapazes do ISEB, achei melhor sair da sala com minha gente. E assim terminou nosso pobre protesto. A noite soubemos que o moço, Felipe Hue de Carvalho, falecera pouco depois de nossa partida e de seu desfalecimento. Dizem que foi um derrame. Derrame foi também o que se viu nas ruas de Budapeste. Deus inventou um modo de fazer aquele moço bom e generoso participar, com o sangue derramado, no martírio da juventude da Hungria. E é essa misteriosa coincidência que dá ao nosso quase carnavalesco grupo de dois anos atrás uma imensa gravidade, que nós mesmos não suspeitávamos.